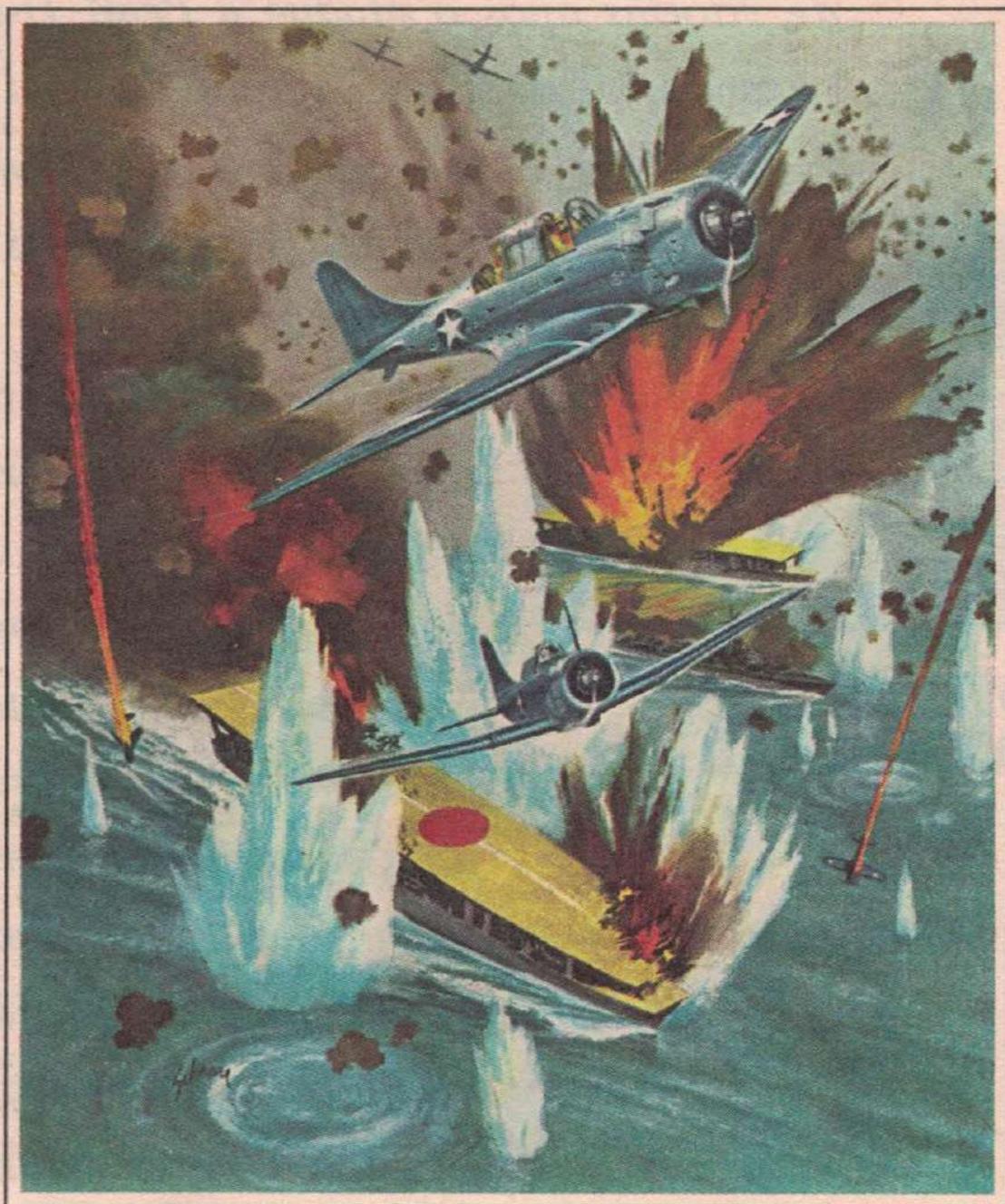


MILAGRE EM MIDWAY



Condensado de um livro a ser publicado

GORDON W. PRANGE

Com a cooperação de Masataka Chihaya, ex-Capitão-de-Fragata da Marinha Imperial Japonesa, e Robert Barde, Coronel Reformado do Corpo de Fuzileiros Navais Americano

Em junho de 1942, os Estados Unidos e o Japão chocaram-se a meio do Oceano Pacífico, numa das mais decisivas batalhas navais da História. Inebriados por uma série ininterrupta de vitórias após o ataque a Pearl Harbor e visando, através da captura de Midway,



MILAGRE EM MIDWAY

o completo domínio do Pacífico, os japoneses reuniram a maior e mais poderosa armada de todos os tempos. Ao seu encontro saiu uma frota americana muito inferior em efetivos e em material, navegando à sombra de uma sucessão de derrotas.

Esse encontro épico resultou na mais decisiva vitória naval depois de Trafalgar. Midway assinalou uma reviravolta na Segunda Guerra Mundial: quando a fumaça se desvaneceu, o Sol Nascente do Japão começava a descer do seu zênite.

NAVEGANDO a 16 nós, os navios da Primeira Frota Aérea japonesa dirigiam-se para leste, guarda avançada de uma das mais fantásticas concentrações de poderio naval em toda a História. Lá à vante seguia o cruzador ligeiro *Nagara*, sua proa cortando velozmente as águas como que para romper o caminho. No seu rasto vinham os 11 cães de guarda do Esquadrão N.º 10 de Contratorpedeiros. Em seguida avançavam as pesadas couraças de ferro da Divisão n.º 8 de Cruzadores, barcos altivos que, numa guerra que ainda não durava seis meses, haviam já experimentado várias vezes o sabor da vitória.

Atrás dos cruzadores, os couraçados *Haruna* e *Kirishima*, de 30.000 toneladas, avançavam como duas imensas baleias. E à retaguarda — no coração e clímax do cortejo — navegavam quatro majestosos porta-aviões: *Akagi*, *Kaga*, *Hiryu* e *Soryu*.

Gordon W. Prange é professor de História na Universidade de Maryland. Durante a Segunda Guerra Mundial, serviu como Capitão-de-Corveta na Marinha e, em 1945, foi designado para fazer parte do Governo Militar americano em Tóquio. Em outubro de 1946, voltou ao Japão como membro civil da Seção de História G-2, que ele dirigiu, sob a chefia do Major-General Charles A. Willoughby, de junho de 1948 a julho de 1951. Em *Tora, Tora, Tora!*, Prange contou a história secreta do ataque a Pearl Harbor. O presente relato da Batalha de Midway é baseado tanto em material inédito como já publicado, em japonês e inglês, e em numerosas entrevistas feitas em ambos os países.

Esses quatro veteranos de Pearl Harbor representavam o golpe de longo alcance e definitivo dos japoneses e levavam a bordo alguns dos mais experimentados, corajosos e dedicados aviadores do mundo.

Contudo, essa poderosa esquadra era apenas parte de uma gigantesca operação naval que tinha um duplo objetivo. Primeiro, os porta-aviões atacariam Midway, uma ilha de coral, possessão americana a cerca de 1.150 milhas a oeste de Pearl Harbor. Uma Força de Invasão convergia simultaneamente rumo à ilha, de sul e de oeste. O seu Grupo de Transporte carregava 5.000 homens curtidos na luta e que, depois do ataque a Midway, deveriam ocupá-la e convertê-la num trampolim para a invasão do Havaí.

Enquanto isso, 600 milhas atrás dos porta-aviões, vinha o corpo principal da frota: três poderosos couraçados, com a sua escolta de cruzadores e contratorpedeiros. Quando o que restava da frota americana no Pacífico saísse de Pearl Harbor para socorrer Midway, eles estariam à sua espera para liquidá-la.

A vasta concentração de poderio naval japonês incluía também uma Força Norte, que lançaria ataques diversionistas sobre bases americanas nas Ilhas Aleútas, ao largo do Alasca, e uma Força Tarefa Móvel, que ficaria rondando na área entre Midway e as Aleútas, a fim de levar reforço aonde fosse neces-

sário. Acrescentando-se os navios-tanques, transportes e submarinos, quase 200 navios formavam a vasta armada.

O Vice-Almirante Chuichi Nagumo, Comandante da Primeira

MARINHA AMERICANA



*Vice-Almirante Chuichi Nagumo,
Comandante da Primeira Frota Aérea*

Frota Aérea, tivera conhecimento dos planos de invasão de Midway apenas um mês antes, ao trazer os seus porta-aviões de volta dos retumbantes êxitos obtidos no Oceano Índico. Isto dava-lhe apenas quatro semanas para reequipar os navios e treinar os seus homens para o ataque. Mas, mesmo com essa preparação sumária, tinha a certeza de que a Primeira Frota Aérea seria capaz de realizar qualquer missão que lhe fosse confiada.

De físico forte, Nagumo era um incomparável marinheiro. Ereto na ponte de comando do capitânia, o *Akagi*, no amanhecer nevoento

do dia 2 de junho de 1942, seu rosto largo transbordava confiança. Desde o começo da guerra no Pacífico, com o audacioso e arriscado golpe de Pearl Harbor, a Primeira Frota Aérea havia afundado ou seriamente danificado cinco couraçados inimigos, um porta-aviões, dois cruzadores e sete contratorpedeiros, além de ter posto a pique muitas toneladas de navios menores, tudo isto sem perder uma só das suas unidades.

Aos 55 anos de idade, veterano oficial do corpo da Armada, Nagumo era especialista em torpedos; entendia pouco de aviação naval, mas tinha ao seu lado, no *Akagi*, como peças básicas na complicada engrenagem da sua força de ataque, dois aviadores excepcionais: o seu brilhante chefe de Operações Aéreas, o Capitão-de-Fragata Minoru Genda, de 37 anos, autor do brilhante plano tático do ataque a Pearl Harbor, e o Capitão-de-Fragata Mitsuo Fuchida, de 39 anos, o piloto que dirigira esse ataque. Se naquele momento Genda exibia um perigoso excesso de confiança — «Lutar contra os Estados Unidos é como torcer o braço de uma criança», afirmara ele recentemente — não era de admirar, considerando o preço insignificante que o Japão tinha pago pelos seus triunfos até então.

Dessa vez, porém, a dupla vitoriosa estava destinada a separar-se. Na primeira noite no mar, Fuchida acordou febril, contorcendo-se com fortes dores abdominais. Chamado

às pressas, o cirurgião-chefe do *Akagi* diagnosticou: «Apendicite. Tem de ser operado imediatamente.»

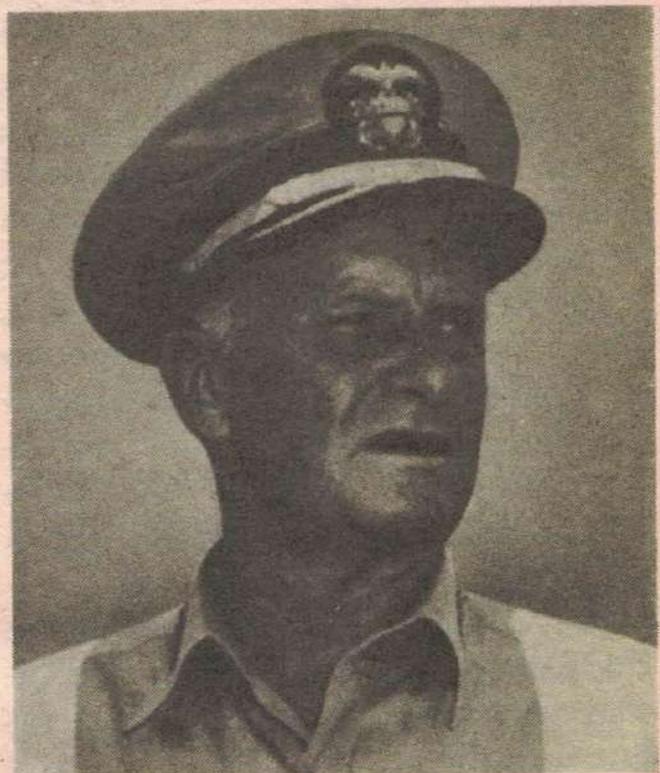
Pouco depois de extraído o apêndice de Fuchida, um vírus acompanhado de febre alta derrubou Genda. O médico julgou a princípio tratar-se de pneumonia, mas o problema realmente era esgotamento total. Desde muito antes de Pearl Harbor que Genda vinha-se matando de trabalhar, e a Natureza, violentada, apresentava-lhe agora a conta. Desse modo, já sem poder mais contar com ele, o seu principal piloto de combate, para a batalha crítica que se avizinhava, Nagumo ficou também privado do seu chefe de Operações Aéreas, de cujo gênio tático ele se acostumara a depender.

A Lição de Pearl Harbor

DO OUTRO LADO do Pacífico, o Almirante Chester W. Nimitz, Comandante-Chefe americano da Frota do Pacífico, fazia o balanço da situação, no seu gabinete, em Pearl Harbor. Esbelto, de fala mansa, alguns fios brancos quase imperceptíveis nos cabelos muito louros, Nimitz parecia surpreendentemente jovem para os seus 57 anos. Mas, naquele instante, o seu rosto tinha a expressão muito contraída.

Fora um longo inverno e uma difícil primavera para os Estados Unidos e seus aliados. Pearl Harbor, Guam, Wake, as Filipinas, o Mar de Java, o Oceano Índico — esses nomes compunham uma triste la-

dainha de derrotas. No dia 6 de maio, a sorte dos americanos chegara ao ponto mais baixo, com a rendição das condenadas forças do General Jonathan Wainwright, que defendiam Corregidor. Dois dias depois, porta-aviões americanos e japoneses defrontaram-se no Mar de Coral. Os japoneses afundaram o *Lexington* e causaram ao *Yorktown* danos de tal monta que o porta-aviões teve de arrastar-se até Pearl Harbor para reparos. Os japoneses perderam um porta-aviões ligeiro e foram



*Almirante Chester W. Nimitz,
Comandante-Chefe da Frota do Pacífico*

obrigados a mandar dois pesados de volta à base para reparos e receberem novas tripulações.

Mas Nimitz tinha algo que o consolava: o seu Serviço de Informações, que operava em Pearl Harbor, sob o comando do Capitão-

de-Fragata Joseph Rochefort, controlando o rádio e com enormes esforços, conseguira decifrar parcialmente o código naval japonês* e, em abril, ficou sabendo que o inimigo planejava algo de importante com relação a um local designado por «AF». AF poderia ser quase qualquer lugar — San Francisco, as Aleútas ou Oahu, etc. — mas Rochefort tinha um palpite de que se tratava de Midway. Assim, preparou uma armadilhazinha.

Normalmente, comunicações secretas de Midway vinham através de cabos submarinos, fora do alcance dos japoneses. Por sugestão de Rochefort, Midway transmitiu em aberto uma mensagem para Pearl Harbor, comunicando que estava com problemas de abastecimento de água. Os japoneses morderam a isca. Nas seguintes 48 horas, o serviço de Rochefort captou uma mensagem do inimigo avisando todos os comandos interessados de que «AF» estava sofrendo de falta de água. «AF» era, pois, Midway!

Em meados de maio, estimativas do Serviço de Informações indicavam que três esquadras japonesas convergiriam sobre Midway, para um ataque que teria início em 5 de junho**: uma força de choque, constituída por porta-aviões, uma

força de apoio e uma força de transporte, com tropas de invasão. O Serviço de Informações sabia também que um ataque diversionista seria lançado contra as Aleútas. Era uma estimativa ponderada e precisa — mas não ia longe o bastante. Entre outras coisas, não levava em



*Contra-Almirante Raymond Spruance,
Comandante da Força Tarefa 16*

consideração os couraçados japoneses e sua escolta esperando o que quer que saísse de Pearl Harbor para desfechar-lhe o golpe de misericórdia.

Mesmo sem contar esses navios de tocaia, a frota americana no Pacífico era inferior em número. Apesar disso, Nimitz tomou uma decisão audaciosa: enquanto reunia todas as forças disponíveis para o próximo confronto, deu ordens para que a sua principal Força Tarefa de

*Já em 1940 os americanos tinham decifrado o código diplomático japonês, mas o código naval permanecia inviolado no começo da guerra.

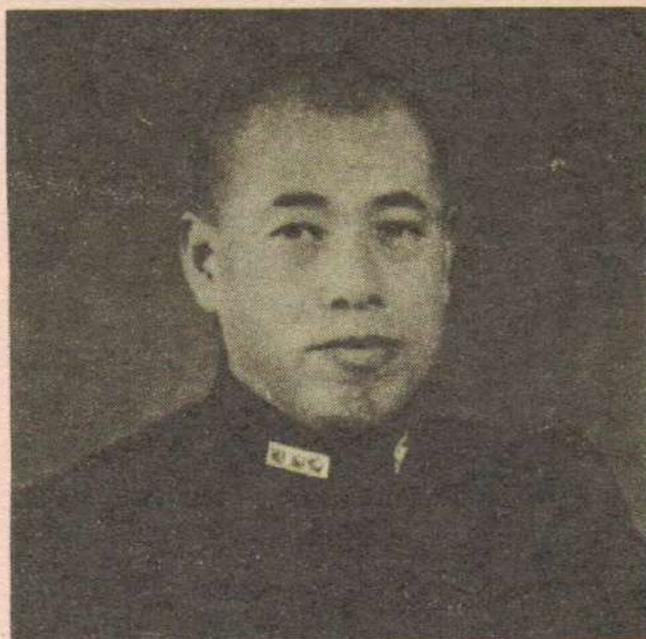
**Devido à Linha Internacional de Datas, em Midway corresponderia a 4 de junho.

couraçados permanecesse na costa oeste dos Estados Unidos. Esses navios, possantes mas lentos, atrapalhariam os velozes porta-aviões e ele não poderia dispensar-lhes proteção aérea. Durante muitos anos, a Marinha americana viveu presa ao conceito de que o couraçado era o dono dos mares. Agora, no entanto, um comandante, diante de um adversário mais poderoso em números, tinha a coragem de romper com a tradição e deixar de lado os seus pesados cavalos de batalha. Os vencidos, e não os vencedores de Pearl Harbor, então, é que haviam aprendido a lição.

Os porta-aviões — os novos senhores dos mares — eram para Nimitz o único recurso de dar um xeque-mate no inimigo em Midway, e ele precisaria de todos os que pudesse pedir, tomar ou roubar. O *Enterprise* e o *Hornet* estavam prontos. E, quando o *Yorktown*, seriamente danificado, conseguiu entrar em Pearl Harbor, a 27 de maio, os estaleiros da Marinha já se achavam a postos para a tarefa de prioridade absoluta de repô-lo em condições de combate.

Calculava-se que seriam necessários de duas semanas a três meses para reparar os estragos causados pelas bombas — tarde demais para a próxima batalha. Mas Nimitz não desistiria do *Yorktown* sem lutar. Mal o porta-aviões recolheu à doca seca, foi invadido por um enxame de eletricitas, mecânicos e soldados. A tarde inteira e noite adentro, com turmas se revezando,

os rebitadores soavam numa sinfonia futurística e os soldados jorravam flores de fogo por todo o navio. O que não fosse vital não era consertado. Milagrosamente, o *Yorktown* voltou à vida. No dia



COLEÇÃO DO AUTOR

Almirante Isoroku Yamamoto,
Comandante-Chefe da Frota Combinada

seguinte, ainda em reparos, ele arrastou-se da doca seca para o seu ancoradouro normal, a fim de ser reabastecido e rearmado. Em 48 horas, estava pronto para zarpar!

No seu gabinete abafado e quente, Nimitz teve uma última conferência com os dois comandantes das suas frotas de porta-aviões. O Contra-Almirante Raymond A. Spruance comandaria a Força Tarefa 16, de que faziam parte o *Hornet* e o *Enterprise*. De poucas palavras, Spruance possuía um cérebro de computador. Era um homem magro, ereto, frio e duro como o aço de Toledo.

Ao seu lado estava o Contra-

Almirante Frank Fletcher, que, do *Yorktown*, comandaria a Força Tarefa 17. Com os seus cabelos ralos cor de areia e queixo voluntarioso, Fletcher mal tivera tempo de respirar depois da recente batalha do *Yorktown*. Mas estava em forma para combater de novo.

O plano de Nimitz estava pronto. Spruance largaria no dia seguinte e Fletcher assim que o *Yorktown* estivesse em condições. Deveriam encontrar-se a cerca de 325 milhas a nordeste de Midway, tomar posição fora do alcance dos reconhecimentos aéreos japoneses e esperar que os aviões de reconhecimento baseados em Midway — com longo raio de ação — localizassem os porta-aviões japoneses vindos de noroeste.

O elemento surpresa era essencial, já que uma batalha frontal só poderia resultar em desastre. Os americanos deveriam permitir aos japoneses aproximarem-se suficientemente, mas não demais. Só então, por meio de reconhecimento e por intuição, Fletcher e Spruance deveriam tratar de surpreender os porta-aviões inimigos no momento exato, com os seus aviões ainda no convés.

Calmo e decidido, Nimitz deu por concluída a conferência. Cada um dos comandantes sabia das vastas consequências que adviriam das suas decisões nos próximos dias.

David e Golias

SEISCENTAS milhas atrás dos porta-aviões de Nagumo, os couraçados que formavam o corpo principal da

esquadra japonesa cortavam as ondas do Pacífico. Seu capitânia, o novo e impressionante *Yamato*, equipado com nove canhões de 18,2 polegadas e as suas fantásticas 72.800 toneladas, era de longe a maior e mais poderosa belonave do mundo.

A bordo do gigante estava o Almirante Isoroku Yamamoto, Comandante-Chefe da Frota Combinada e chefe supremo das operações de invasão de Midway. Yamamoto era um tipo baixo, forte, de ombros largos e o ar de quem nasceu para comandar. Tinha um caráter franco e agressivo e ria ou explodia com a mesma facilidade.

Ex-aluno de Harvard e tendo servido como Adido Naval em Washington, Yamamoto sempre se opusera a uma guerra com os Estados Unidos. Ele não alimentava ilusões quanto à possibilidade de uma vitória total japonesa num conflito prolongado contra o poderio industrial americano. Mas venerava o seu Imperador e amava o seu país, de forma que, quando se tornou claro que o Japão estava decidido a ir à guerra, foi ele quem planejou o audacioso ataque transoceânico a Pearl Harbor. O sucesso superou todas as expectativas. (Algum tempo antes, ele predissera: «Nos primeiros seis meses, eu farei o que quiser, mas não tenho a menor confiança no resultado final.»)

Yamamoto sabia que as forças americanas estacionadas no Havai ainda eram potencialmente fortes e ardiam de desejo de vingança. No entanto, uma idéia errônea sobre

as perdas dos americanos na batalha do Mar de Coral contribuía para fortalecer o seu otimismo. Acreditando que o *Yorktown* havia sido afundado juntamente com o *Lexington*, os japoneses não ligaram à sua própria perda temporária de dois grandes porta-aviões. A vitória no Mar de Coral, na realidade, tinha sido cara, custando 1.074 japoneses mortos ou feridos, o que deixou minada a base do seu poderio naval — a sua reserva de aviadores experimentados.

«Nós praticamente não tínhamos informações sobre o inimigo», disse Nagumo depois de Midway. «Até ao fim, não sabíamos onde estavam nem quantos eram.»

Contudo, mesmo se soubessem que os americanos estavam a par dos seus planos, é pouco provável que os tivessem alterado e a atitude japonesa teria sido a mesma. No papel, as forças japonesas que rumavam para leste pareciam um Golias sobre as águas à caça do David americano para aniquilá-lo. Sem contar o elenco secundário no Alasca, Yamamoto dispunha de 86 vasos de guerra e 43 navios diversos de apoio. Para enfrentar tudo isso, Nimitz não tinha mais do que 27 vasos de guerra e 23 navios de apoio, incluindo lanchas torpedeiras e um iate adaptado.

Quanto a aviões disponíveis para o combate, os japoneses possuíam 333, quase todos baseados em porta-aviões — contra 348 aviões americanos, dos quais 118 estacionados em Midway. No entanto, a pequena

margem numérica americana era enganosa. Nimitz, por exemplo, tinha 20 bombardeiros de mergulho a mais que Yamamoto, mas este contava com 17 caças a mais, estes os fabulosos Zeros, muito superiores a qualquer coisa que os Estados Unidos tinham na ocasião. Em aviões torpedeiros, os americanos não só eram menos, como eram inferiores: os torpedeiros americanos eram reconhecidamente lentos e vulneráveis e os seus torpedos mereciam o maior desprezo dos japoneses pela frequência com que deixavam de explodir.

À medida que os vários grupos de combate japoneses se aproximavam da ilha, o Capitão-de-Mar-e-Guerra Yoshitake Miwa, a bordo do *Yamato*, anotava no seu diário a sede de luta que reinava entre os seus homens: «Peço a Deus que nos conceda a graça de enfrentar um inimigo à altura. De onde virá um tal espírito que consegue dominar o inimigo antes mesmo de a batalha ser travada?»

Contagem Regressiva em Midway

DO OUTRO LADO do Pacífico, Midway fervilhava em preparativos. Os dois pequenos areais que constituem o único terreno do atol — a Ilha de Areia e a Ilha Oriental — estavam erçados de arame farpado e canhões, com as praias e as águas em torno coalhadas de minas. Onze lanchas torpedeiras foram dispostas para patrulharem os recifes e a lagoa e auxiliarem com fogo antiaé-

reo. Um iate e quatro pescueiros de atum reformados estavam de prontidão para operações de salvamento e 19 submarinos guardavam as proximidades de Midway. Os comandantes dos 3.600 homens que guarneciam o atol estavam seguros de que poderiam resistir a um desembarque. Mas, se os navios japoneses se mantivessem ao largo, sob forte proteção de caças, e lançassem um bombardeio cerrado, Midway não teria poderio aéreo para expulsá-los. Tudo incluído, o atol dispunha de 118 aeronaves. Destas, 30 eram hidraviões de patrulha, lentos e vulneráveis; outros 37 eram obsoletos. Os bombardeiros de mergulho Vindicator mal podiam levantar vôo. Os caças eram Brewster Buffalo, verdadeiras relíquias, melancolicamente apelidados de «esquifes voadores». O Zero japonês voava mais rápido em linha que o Buffalo em vôo picado!

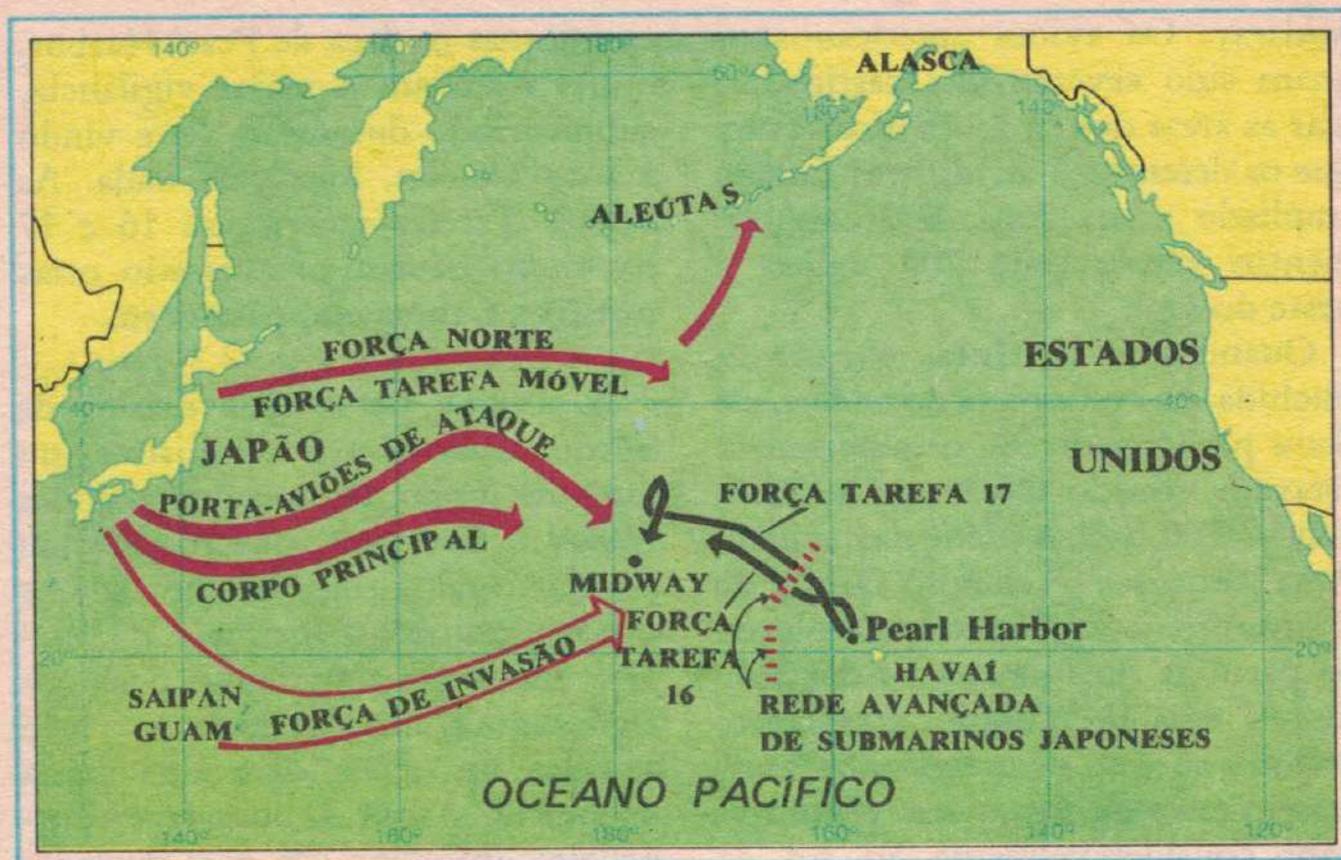
A partir de meados de maio, Nimitz começou a concentrar em Midway «todos os reforços que pudesse conter». Diariamente chegavam novos aviões, pilotos e pessoal de manutenção. Os possantes B-17, as «Fortalezas Voadoras», eram, na época, a melhor arma aérea americana: sólidos bombardeiros quadrimotores que podiam transportar uma grande carga de bombas a longas distâncias. Chegavam diariamente do Havaí, depois de um longo vôo desde os Estados Unidos. Mesmo assim, ainda eram muito poucos. O ruim, como observou Nimitz, era que Midway «só podia

absorver uma força aérea mais ou menos das dimensões de um grupo de porta-aviões».

As condições de vida eram quase desesperadoras, e decolar ou aterrisar à noite nas pistas superlotadas da Ilha Oriental era um pesadelo. Ao mesmo tempo, a Ilha de Areia quase afundava sob o peso das suas instalações. Era uma mistura caótica de oficiais nervosos, pessoal recém-chegado, aviões de todos os tipos, tanques sempre vazios de gasolina, albatrozes e outras aves locais.

O Capitão-de-Fragata Logan C. Ramsey comandava as operações aéreas. A partir de 30 de maio, ele intensificou os reconhecimentos aéreos com patrulhas diárias que levantavam vôo do atol o mais cedo possível. Fez também alargar para 700 milhas o raio de patrulha ocidental, o que não melhorou a situação de combustível. «O problema da gasolina na Ilha de Areia é extremamente grave», notava um relatório.

Sobreveio então o desastre. Os defensores de Midway haviam colocado cargas explosivas em pontos-chave do atol, para o caso de serem obrigados a destruir instalações, evitando que viessem a cair em mãos dos japoneses. Por falta de sorte, uma equipe da Marinha, testando as ligações elétricas de uma dessas cargas, fez explodir o depósito de gasolina. «Os tanques eram à prova de tudo, menos de marinheiros», foi o comentário amargo de um oficial fuzileiro naval. O depósito desapareceu em chamas.



Nimitz despachou às pressas um cargueiro fretado cheio de gasolina de aviação. Assim que o cargueiro ancorou em Midway, porém, sua tripulação começou uma briga por questões de horas extras. (A marinha mercante viria a escrever páginas de ouro na história da guerra, mas, naqueles primeiros tempos, custava a compreender o fato de que Marte não se submetia às tabelas e horários sindicais.) Finalmente, foram os fuzileiros que descarregaram os tambores de gasolina, à noite, enquanto os oficiais e imediatos do cargueiro manobravam os guindastes.

O Serviço de Segurança americano era do que havia de melhor. Pouca gente em Midway sabia que os japoneses se aproximavam. Os pilotos navais baseados em terra

ignoravam que lutariam ao lado dos seus camaradas dos porta-aviões. O segredo era a arma de Nimitz contra os japoneses; ele não podia pô-lo em risco para assegurar aos defensores de Midway que não estavam sós.

Esperando e Observando

POR VOLTA de 2 de junho, tornou-se claro aos japoneses que o inimigo suspeitava das suas intenções. O volume crescente de comunicações americanas, com mensagens em código e classificadas de «urgentes», era um indício. Tinha havido, além disso, choques entre aviões de reconhecimento japoneses, vindos da Ilha de Wake, e Catalinas — os pesados e enormes hidraviões de patrulha marítima baseados em

Midway. Os aviões americanos tinham sido severamente castigados, mas as áreas dos choques mostravam que os defensores de Midway tinham ampliado a sua zona de reconhecimentos aéreos para 700 milhas a oeste do atol.

Quando a notícia chegou a Fuchida, na enfermaria do *Akagi*, ele ficou preocupado. Se os americanos estavam voando tão longe de Midway — 200 milhas além das estimativas japonesas — então o Grupo de Transporte japonês entraria no arco de patrulha do inimigo no dia 3 de junho, data de Tóquio. Era certo, contava-se que os americanos avisassem esses navios, que se encontravam consideravelmente ao sul da força atacante de porta-aviões e do grosso da esquadra. Yamamoto contava com isto a fim de iludir o inimigo quanto à direção de onde partiria o ataque principal e para atrair a frota americana para onde a esperavam os seus canhões. Tudo isso, porém, deveria acontecer a 5, e não a 3 de junho.

«Entretanto», decidiu o Contra-Almirante Matome Ugaki, Chefe do Estado-Maior de Yamamoto, «não há necessidade de alterarmos os nossos planos por enquanto.»

De um fato vital os japoneses não suspeitavam nem de longe: sua rede avançada de submarinos, que se espalhava numa longa linha entre as ilhas havaianas e Midway, alcançara sua posição tarde demais para ser de qualquer utilidade. Os submarinos deveriam dar o primeiro alarme sobre quaisquer manobras navais

americanas na área de Pearl Harbor, e eles exerciam a maior vigilância, submergindo durante o dia e vindo à tona à noite. Mas para nada. As Forças Tarefas americanas 16 e 17 há muito haviam atravessado essas posições e rumavam para oeste.

A JULGAR pelos seus diários de bordo, nada houve a registrar, no dia 2 de junho, para os porta-aviões *Hornet* e *Enterprise*, que navegavam seguidos pelos seus seis cruzadores e nove contratorpedeiros. O *Enterprise* andou em ziguezague, parou os ziguezagues, mudou de curso e teve as suas inspeções da rotina diária de bordo. Às 11.32, um contratorpedeiro aproximou-se para entregar o correio do dia. Às 16.00, dois marinheiros que estavam detidos foram postos em liberdade. No mais: «Avante, conforme estabelecido.»

Cedo naquele dia, o *Yorktown* e a sua modesta escolta de dois cruzadores e cinco contratorpedeiros tinham-se reunido a essa força. O almirante mais antigo, Fletcher, assumiu o comando geral, mas, na prática, as duas forças operariam independentemente.

Um leve clima de confiança reinava nos navios americanos. Contudo, duas grandes questões preocupavam Fletcher. Estaria de fato o *Yorktown* em condições de combate? Exatamente quando, em que número e de que ângulo atacariam os porta-aviões japoneses?

MIDWAY, o centro de todo esse planejamento, observava e aguar-

dava. Em direção do pequeno atol — dois pontinhos quase invisíveis num mapa do Pacífico — acoiravam o poderio marítimo dos Estados Unidos da América e do Império do Japão. Tornar-se-ia o Pacífico, nos anos vindouros, um lago japonês? A guerra chegaria a atingir, com toda a sua fúria, a costa oeste dos Estados Unidos? Estas e muitas outras indagações dançavam nas ondas à volta de Midway.

Além disso, havia os imponderáveis. No caso de Yamamoto, juntamente com a sua superioridade em tonelagem e poder de fogo, navegava com ele o hábito da vitória, a autoconfiança, uma tradição guerreira e um ardente desejo de «unificar o mundo sob um só teto». Com Fletcher e Spruance seguiam a surpresa, a flexibilidade, um sofisticado sistema de informações — e a enérgica decisão de que a brincadeira já fora longe demais.

Primeiro Choque

APROXIMADAMENTE às 9.20 do dia 3 de junho, o aspirante Jack Reid estava terminando um vôo rotineiro de reconhecimento ao largo de Midway. Começava a dar a volta no seu desajeitado Catalina, a fim de colocá-lo no rumo de casa, quando avistou manchas no horizonte.

«Será que o meu pára-brisas está sujo?» perguntou a si próprio. De repente, porém, percebeu do que se tratava: «Meu Deus!» gritou. «Acho que acertamos na mosca!»

Seu co-piloto arrancou-lhe os

binóculos das mãos. Sim, aquilo eram navios. Reid transmitiu imediatamente para Midway a eletrizante informação. Em seguida, picou com o seu avião e, quase roçando as ondas, descreveu corajosamente um longo círculo até colocar-se por trás da frota inimiga, e logo subiu, cuidadoso, até 250 metros, para uma olhada. Durante algum tempo ficou brincando de gato e rato atrás dos navios — o Grupo de Transporte japonês — tratando de ver o mais possível sem ser visto.

Agora ele transmitia para Midway: «Onze navios, curso 090, velocidade 19 nós. Um porta-aviões ligeiro, um transporte de hidros, dois couraçados e vários cruzadores e contratorpedeiros.»

Os japoneses não viram o avião de Reid, mas afugentaram com fogo antiaéreo um outro Catalina que avistara parte de um grupo varre-minas, e imediatamente comunicaram-no ao Comando da Esquadra. Era uma notícia desagradável. «Avis-tados prematuramente!» Ugaki anotou com tristeza no seu diário: «As ações começariam a qualquer momento.»

Ele estava certo. Cerca das 12.30, assim que reabasteceram depois do vôo de patrulha matinal, novos B-17 partiram, levando cada um deles uma carga de quatro bombas de 600 libras.

A LOCALIZAÇÃO do inimigo deu início a um dia agitado para os principais chefes da Marinha americana. Nimitz, acompanhando os aconte-

cimentos de Pearl Harbor, tinha de decidir rapidamente se aquilo era ou não o «grosso da frota», como informava Reid. Resolveu confiar nas previsões iniciais do seu Serviço de Informações. Enviou então uma urgente mensagem em código para Fletcher: «Esta não é, repito, não é a força atacante do inimigo. O ataque virá de noroeste, ao nascer do dia de amanhã.»

A mensagem de Nimitz foi recebida por Fletcher como uma confirmação do que ele já havia concluído. Ignorou, portanto, a isca tentadora e levou o *Yorktown* para um ponto cerca de 200 milhas a norte de Midway.

A tarde já declinava quando os B-17 encontraram o Grupo de Transporte localizado por Reid. Sob um cerrado fogo antiaéreo, os aviões fizeram várias passagens dentro e fora do alcance das baterias. Ao anoitecer, então, toda a escolta de contratorpedeiros abriu fogo ao mesmo tempo, enquanto os americanos largavam as suas bombas em três ataques sucessivos de 2.400 a 3.600 metros de altura. Durante alguns minutos, esse local habitualmente silencioso e ermo em meio do Pacífico ressoou com o troar dos canhões, o assobio e a explosão das bombas, o toque de sinos dos navios e o zunido da água do mar esguichando.

Quando o tumulto amainou, porém, nenhum dos dois lados sofrera danos. Algumas bombas americanas falharam, e as que explodiram caíram muito longe dos seus alvos.

Em consequência do infrutífero ataque aéreo, resolveu-se equipar alguns Catalinas com torpedos, para um ataque noturno — uma idéia de revista de histórias em quadrinhos. O Catalina era lento, vulnerável e não dispunha de suportes para carregar os torpedos; as tripulações estavam exaustas e não tinham sido treinadas no lançamento de torpedos. Apesar disso, pouco antes das 22.00, quatro desses aviões, os únicos que dispunham de radar, levantavam vôo nas trevas, com os torpedos precariamente pendurados nas suas asas.

Um deles perdeu contato e foi obrigado a regressar à base. Cada um dos três outros aproximou-se do comboio à luz da lua, escolheu um alvo e largou o seu torpedo, tratando de escapar depois ao fogo antiaéreo e meter-se nas nuvens.

Um dos torpedos atingiu o alvo, o navio-tanque *Akebone Maru*, forçando-o a diminuir a sua velocidade e matando ou ferindo 23 homens.

Pouco eficazes como foram esses ataques, não deixaram de preocupar os distantes Yamamoto e o seu Estado-Maior, a bordo dos couraçados do corpo principal da Esquadra, pois revelavam que os americanos sabiam que uma frota japonesa andava por perto. No entanto, ninguém se deu ao trabalho de informar Nagumo e os seus porta-aviões do incidente com o Catalina, naquela manhã, da investida dos B-17 ou do ataque noturno com torpedos. Yamamoto, assim, permitiu que Nagumo preparasse o seu ataque aéreo a Midway sem motivos para

suspeitar que os americanos sabiam que uma flotilha japonesa navegava em direção do atol. Era um lapso extraordinário e um mau presságio para os japoneses.

«Ligar os Motores!»

A SIRENA do *Akagi*, através dos alto-falantes, despertando as tripulações dos aviões, chegou até à enfermaria e acordou Genda, às 02.45 de 4 de junho, hora de Midway. Ainda fraco devido à pneumonia, ele enfiou-se no uniforme e subiu até à ponte do comando. O Almirante Nagumo passou um braço paternal em torno dos seus ombros.

«Como se sente?» perguntou-lhe.

«Estou muito melhor», afirmou Genda, embora o brilho dos seus olhos revelasse que ainda não estava bom. Mas a sua presença na ponte aumentava o moral já elevado dos oficiais e tripulantes.

Não tardou muito que também Fuchida surgisse da enfermaria. Incapaz de permanecer deitado enquanto o grupo que ele deveria comandar partia para a luta, Fuchida levantou-se da cama com cautela. Todas as portas e vigias tinham sido trancadas em preparação para o combate. Contudo, cada porta possuía uma gateira que podia ser aberta, e Fuchida segurou-se na maçaneta e deu-lhe volta.

Ainda estava fraco da operação, e levou tempo para abrir a gateira. Várias vezes, sentiu-se perto de desmaiar. Finalmente arrastou a

portinhola o bastante para poder passar. Teve então de fechar tudo como estava, a fim de manter a vedação hermética e à prova de água. Ao todo, teve de abrir e fechar umas 20 portinholas até chegar à sua cabina. Lá, fraco e encharcado como um gatinho recém-nascido, envergou seu uniforme e dirigiu-se ao centro de controle de vôo.

O céu ainda estava escuro, mas prometia ser um dia perfeito para o ataque, com um mar maravilhosamente calmo para a decolagem dos aviões. Fuchida ficou inquieto ao saber que a patrulha diária de reconhecimento ainda não tinha levantado vôo. A sua operação deveria obedecer a um padrão em leque, com os segmentos irradiando-se em sete direções. Cada um dos aviões voaria até 300 milhas para fora, fecharia uma volta de 60 milhas e regressaria depois — uma operação de reconhecimento de uma só fase, isolada, e que, na opinião de Fuchida, estava longe de ser o suficiente. O que não fosse avistado na passagem permaneceria ignorado.

Mas Nagumo transbordava confiança. Segundo os cálculos dos japoneses, a frota americana estaria bem a leste, por trás da sua rede furtiva de submarinos, e só apareceria — se aparecesse — muito mais tarde. Na «estimativa da situação» oficial de Nagumo, um dado aparecia flagrantemente errado: «O inimigo não tem conhecimento dos nossos planos.»

Às 04.00, os pilotos do *Akagi*

encheram a sala de conferências para as últimas instruções. Minutos depois, irrompiam novamente no convés, correndo para os aviões.

«Ligar os motores!» Os escapes expeliam chamas e os motores tossiam. Refletores banhavam o convés de luz quando da ponte de comando veio a ordem: «Começar a decolagem.» Uma lanterna verde de sinalização dançou num largo arco e o primeiro Zero decolou sob os aplausos e acenos de mãos da tripulação. Seguiram-se mais oito Zeros e, depois, os bombardeiros de mergulho.

Cerca de 4.000 metros a bom-bordo, sinais luminosos mostravam que o *Hiryu* lançava também os seus aviões. Dentro de 15 minutos, todas as unidades da primeira leva de ataque estavam no ar; descreveram um círculo para entrarem em formação e tomaram o rumo de Midway. Eram ao todo 108 aviões — 36 bombardeiros, 36 bombardeiros de mergulho e 36 caças Zero de escolta. Outros nove Zeros circulavam protetoramente sobre os portá-aviões, enquanto mais nove ficavam de prontidão no convés do *Akagi*. Destacar apenas 18 caças para a cobertura dos 21 navios de Nagumo era como cobri-los com papel — mais uma prova de como os japoneses pensavam pouco em serem atacados.

Entre os últimos aviões a saírem contavam-se três aparelhos de reconhecimento, que levantaram vôo exatamente às 04.30. Durante o quarto de hora seguinte saíram

outros três retardatários. Mas o sétimo só sairia às 05.00, com meia hora de atraso.

Esses atrasos, em parte devidos à obsessão dos japoneses com a ofensiva e o seu descaso pelos vôos de reconhecimento, que consideravam fundamentalmente defensivos, acabaram por custar-lhes caro. Tivessem todos os aviões de exploração saído no horário, um deles teria voado quase diretamente sobre a Força Tarefa 17.

«Muitos Aviões Inimigos»

PASSADAS as 05.00 sem sinal de convivas indesejáveis, os defensores de Midway, à espera, prontos para entrarem em ação, começaram a inquietar-se. Os motores dos aviões, em aquecimento desde as 04.30, foram desligados e os tanques de gasolina cobertos, voltando os pilotos para as salas de operações. Seis caças Wildcat, que circulavam no ar havia cerca de uma hora, receberam ordem de voltar, um deles avariando seu trem de aterrissagem ao descer.

Os minutos passando, Midway mantinha-se numa calma inquieta, que não chegou a ser quebrada pela mensagem, às 05.20, do Capitão-Tenente Howard P. Ady, que patrulhava num Catalina e informava que avistara uma aeronave não identificada — provavelmente um dos aviões japoneses de reconhecimento. Dez minutos depois, através de uma brecha nas nuvens, Ady avistou algo de espantoso espalhado lá

embaixo: «Porta-aviões inimigos!» comunicou ele, muito agitado.

De repente, Midway entrou em ação. Os motores foram postos novamente em marcha e os pilotos foram arrebanhados em camionetas. Em poucos minutos, os bombardeiros levantavam de Midway para atacarem os porta-aviões japoneses.

Às 05.45, então, entrando e saindo de chuvaradas que caíam na área, o Capitão-Tenente William A. Chase acertou no alvo e avistou os 108 aviões inimigos. Sem perder tempo em codificar a sua informação, gritou no seu rádio: «Muitos aviões inimigos dirigindo-se para Midway, rumo 320 graus, distância 150!»

Finalmente, às 06.03, chegou nova mensagem de Ady: «Dois porta-aviões e couraçados a 180 milhas de Midway, no rumo 320 graus, rota 135 graus e 25 nós de velocidade.»

Logo o radar na Ilha de Areia captava «alguns» aviões a 93 milhas de distância. Em minutos, com o alarma antiaéreo e as sirenas gemendo, oito caças Buffalo lançaram-se ao ar, liderados pelo Major Floyd Parks. Atrás deles saíram três Wildcats comandados pelo Capitão F. Carey, seguidos logo por outros dois. Os 12 Buffalos restantes e mais um Wildcat também levantaram vôo e mantiveram-se em círculos até que o radar de Midway lhes desse a direção do inimigo que se aproximava. Os três Wildcats de Carey fizeram o primeiro contato. Às 06.12, Carey berrou: «Inimigo

à vista! Bombardeiros japoneses a 3.600 metros de altitude!»

Os Zeros que escoltavam os bombardeiros vinham um pouco acima e atrás deles, dando a Carey a oportunidade de um ataque rápido contra os bombardeiros antes que os caças pudessem aproximar-se. Entrando com o seu Wildcat num *toneau* suave e picando a fim de ganhar velocidade, Carey conseguiu enquadrar um dos bombardeiros no visor da sua metralhadora. Uma bala rompeu o seu próprio pára-brisas; depois viu a sua presa explodir. Entrando pela formação em V do inimigo, Carey ganhou altura e manobrou o seu caça numa curva fechada, saindo para trás da formação. Quando voltava para novo ataque, um metralhador de cauda do bombardeiro japonês acertou uma rajada no Wildcat, atingindo ambas as pernas de Carey.

Colado em Carey o tempo todo, o Segundo-Tenente Clayton M. Canfield concentrou-se num bombardeiro japonês «até ele explodir e cair em chamas». Em meio ao seu ataque, ele viu uma coluna de Zeros picando à sua esquerda. Para se esquivar, Canfield dirigiu-se para uma grande nuvem volumosa e rodeou-a, juntando-se em seguida a Carey, que regressava à base «num curso vacilante».

Carey quase desmaiou duas vezes, mas uma vontade de ferro manteve-o no rumo. Canfield foi o primeiro a descer, com o trem de aterrissagem avariado e o avião derrapando ao longo da pista. Carey seguiu-o de

perto, com grande dificuldade, mas perdeu o controle ao aterrissar. O Wildcat derrapou para fora da pista e foi chocar-se contra uma mureta. Dois homens correram em seu auxílio, retirando Carey e abrindo-se com ele atrás da mureta no momento exato em que a primeira bomba caía sobre Midway.

Parks teria achado graça no relatório dos japoneses dizendo que, a 20 milhas de Midway, os seus bombardeiros defrontaram-se com «30 a 40 Wildcats». Havia, na realidade, apenas oito Wildcats no ar, e o fato de os experimentados pilotos japoneses terem confundido uns relativamente poucos Buffalos antiquados com um grande número dos caças mais modernos era, sem dúvida, um tributo à habilidade e audácia dos pilotos americanos. Dos seis Buffalos que compunham a esquadrilha de Parks, só um chegou ao fim daquele dia: apresentava avarias no motor e não chegou a entrar em ação. Os outros cinco «esquifes voadores» foram avistados 20 milhas ao largo de Midway, aproximando-se de uma grande formação de bombardeiros japoneses. Nenhum escapou.

Uma segunda esquadrilha de seis Buffalos atacou uma formação que, para o Capitão Phillip R. White, parecia compor-se de três V com oito aviões cada. Depois da primeira passagem, com uma picada brusca, White livrou-se de um Zero que o perseguia. Retornando velozmente a 300 metros de altitude, ele fechou sobre um bom-

bardeiro inimigo que se afastava da área de Midway. O pequeno Buffalo cuspiu balas; o bombardeiro oscilou, «fez uma volta suave para a esquerda e foi cair no mar».

Do seu grupo de seis pilotos, apenas White e mais um sobreviveram. Em comentários posteriores, White não perdoou o Buffalo: «O Zero japonês passeia em torno dele», dizia em seu relato. «O comandante que manda pilotos combaterem nesse avião deve considerá-los perdidos antes de terem decolado.»

O Tenente Roy A. Corry Jr., num Wildcat, abateu um Zero e esquivou-se dos demais o tempo suficiente para derrubar um bombardeiro, antes de ser ele próprio atingido «com grande eficiência». Mais tarde, ele elogiaria o Zero como «de longe o avião mais manejável que existe no momento». Contudo, observou que pareciam «muito vulneráveis se a gente tem a sorte de pegá-los no visor da metralhadora».

O negócio era pegá-los!

Ilha Sitiada

APESAR da sua violência, a batalha aérea teve pouco efeito na missão de bombardeio dos japoneses. Os fuzileiros americanos observaram com uma admiração de profissionais a habilidade e disciplina com que os pilotos japoneses se mantinham em formação. Quando um dos bombardeiros era abatido, os outros reagrupavam-se no V, mantendo rumo e velocidade.

Os bombardeiros foram os primeiros a atacar, mas, antes de terem podido largar as suas cargas destruidoras, dois sucumbiram ao fogo antiaéreo. Um deles incendiou-se e mergulhou direto. Ninguém saltou de pára-quedas; o piloto abriu a carlinga do avião, acenou, despedindo-se dos companheiros, tornou a fechar a carlinga e veio abaixo. Foi então que o Inferno se abateu sobre Midway.

Bombas explodiam, abrindo pequenas crateras em volta da pista N.º 1 da Ilha Oriental. Outras destruíram depósitos de gasolina e silenciaram uma bateria de canhões. Uma foi cair bem no meio de um paiol dos fuzileiros, detonando bombas e munição e matando quatro homens. Um bombardeiro de mergulho destruiu a casa de força da Ilha Oriental, acabando com a energia. Outra bomba inutilizou as tubulações de combustível entre o depósito principal e as docas; depois disso, o pessoal passou a trabalhar dia e noite, reabastecendo os aviões à mão, diretamente dos tambores de gasolina.

Uma bomba no refeitório dos fuzileiros fez voarem pratos e panelas em todas as direções. Outra acabou com a cantina, com as latas de cerveja espalhando-se por toda a base. Três depósitos de óleo combustível na Ilha de Areia foram acertados em cheio e arderam durante dois dias. Também foram acertados em cheio o presídio (felizmente vazio), o dispensário e parte da lavanderia da Marinha.

Uma vez que os caças de Midway haviam saído todos atrás dos bombardeiros que vinham na frente, os bombardeiros de mergulho japoneses atingiram Midway incólumes. Atrás deles vinham os Zeros, dando cabo de tudo o que encontravam pelo caminho.

Às 06.48, o radar de Midway informou: «Aviões inimigos em retirada», mas somente às 07.15 foi levantado o estado de alerta. O Tenente-Coronel Ira E. Kimes, Comandante do Grupo 22 da aviação dos fuzileiros navais, deu ordens pelo rádio para que os caças pousassem e se reabastecessem por divisões. Não obtendo resposta, repetiu a mensagem e depois ficou transmitindo: «Todos os caças devem aterrissar e reabastecer-se.» Foram poucos os que vieram, e havia fortes suspeitas de que não viria mais ninguém.

Infelizmente, Kimes não se enganara. Dos 26 pilotos, 14 não responderiam mais à chamada. Apenas dois caças estavam em condições de voar novamente. Em compensação, que haviam conseguido? Contando apenas as aeronaves que os pilotos americanos sobreviventes viram cair em chamas, o total somava oito bombardeiros ao certo e um provável, três Zeros certos e um provável.

Quanto a Midway, embora tivesse sofrido danos consideráveis, encontrava-se melhor do que se poderia esperar. Cerca de 20 homens foram mortos em terra — número extraordinariamente pequeno de bai-

xas. As pistas sofreram danos leves. Depois do ataque, todos puseram mãos à obra, determinados a restaurar a rede elétrica, os encanamentos de águas e esgotos, a apagar os incêndios e remover os destroços.

Conduzindo cuidadosamente o seu próprio bombardeiro avariado de volta ao porta-aviões, o Capitão-Tenente Joichi Tomonaga, que comandara o ataque no lugar de Fuchida, não vinha nada satisfeito. Não havia encontrado qualquer «equipamento pesado» — bombardeiros — estacionados no atol. Com as pistas de Midway ainda em excelentes condições para receberem aviões e os seus canhões falando grosso, qualquer contingente japonês que lá tentasse desembarcar poderia contar com uma recepção das mais quentes.

Por isto, Tomonaga comunicou-se com Nagumo: «Há necessidade de um novo ataque.»

Decisão Fatídica

O «EQUIPAMENTO PESADO» de Midway, naturalmente, tinha saído na sua própria missão de ataque. Todos os bombardeiros disponíveis — 51 deles — tomaram a direção da frota de Nagumo, divididos em cinco esquadrilhas.

Minutos depois de terem sido localizados os porta-aviões inimigos, o destacamento do Aspirante A. K. Earnest, composto de seis aviões — torpedeiros Avenger — partiu de Midway. Logo atrás deles levantaram vôo quatro B-26,

cada um transportando um torpedo.

As duas esquadrilhas alcançaram o objetivo ao mesmo tempo, cerca das 07.10. O *Akagi* pôs-se imediatamente em velocidade de combate e dirigiu-se em linha reta para os aviões, oferecendo-lhes a menor silhueta possível. Dez caças japoneses decolaram em seguida e iniciaram o ataque em ágil e eficiente trabalho de equipe.

Sem a proteção de caças, os lentos Avengers eram quase alvos fixos. O metralhador da torreta dorsal de Earnest conseguiu fazer alguns disparos, e logo caiu morto sobre a sua arma. Na passagem seguinte, os Zeros acertaram o sistema hidráulico do avião e feriram o radiotelegrafista e o metralhador da torreta ventral, que tombaram inconscientes.

Com os comandos de profundidade inutilizados, um metralhador morto, outro sem sentidos e ele próprio se esvaindo em sangue, Earnest largou o seu torpedo — alto demais para acertar no alvo — e voltou à base, perseguido por dois Zeros que o crivavam de balas. Aos trancos, o melhor que podia, ele conseguiu escapar às investidas dos caças inimigos até que eles se afastaram, provavelmente sem munição. Os motores do avião e o próprio Earnest era só o que ainda funcionava. Guiado pelo instinto e por Deus, conseguiu finalmente descer em Midway — ele e um dos seus artilheiros os únicos sobreviventes do grupo de seis Avengers.

Os B-26 não tiveram muito me-

lhor sorte, perdendo metade dos seus efetivos e causando pouco dano ao inimigo. Um dos B-26 mergulhou direto sobre as baterias do *Akagi*, que vomitavam fogo. «Vai bater na ponte!» gritou alguém. Mas ele passou raspando a metros de distância — sua estrela branca brilhando sobre o azul-escuro da fuselagem — deu uma guinada brusca para bombordo e caiu no mar. Os tripulantes do *Akagi* literalmente pularam de alegria. «Isto está divertido!» comentou Fuchida.

Os aviões da segunda leva de Nagumo já se encontravam prontos para a decolagem — inclusive 36 bombardeiros equipados com torpedos, para a possibilidade de um encontro com a frota inimiga. Mas os aviões de reconhecimento, que a essa altura já teriam atingido os limites das suas áreas de busca, não acusaram nada de importante à superfície. Diante disso, Nagumo então resolveu prosseguir com o segundo ataque a Midway. Significava que muita coisa teria de ser feita às pressas: os bombardeiros teriam de ser descidos aos hangares, rearmados com bombas convencionais em lugar dos torpedos e colocados de novo no convés de decolagem.

A tarefa, que levava uma hora, ia em meio quando chegou uma mensagem urgente de um avião de reconhecimento — o último que levantara vôo, com grande atraso: «Avistado o que parece ser um comboio de 10 navios inimigos, a 240 milhas de Midway.» Não esclarecia

a questão principal: *Havia porta-aviões entre eles?* Para os japoneses, estes eram os únicos navios que representavam algum risco imediato.

Nagumo contemporizou: «Deixem ficar os torpedos nos aviões em que ainda não foram substituídos por bombas», ele ordenou. Em seguida, insistiu com o avião de reconhecimento: «Informe o tipo dos navios!»

Nesse exato momento, surgiram mais aviões americanos — 15 bombardeiros de mergulho Dauntless. Os Zeros saíram imediatamente ao seu encalço. Os americanos soltaram várias bombas, que erraram os alvos por muito pouco: em certo momento, o *Hiryu* desapareceu por trás de uma densa cortina de fumaça e jorros de água; do *Akagi*, os japoneses que observavam pensaram que fora atingido. Não tardou, porém, que emergisse triunfante da cortina — e oito Dauntlesses tinham sido derrubados.

A essa altura, Nagumo mal podia pensar, em meio ao barulho dos motores, o rugido dos caças e o troar das baterias antiaéreas. Estava visivelmente mal-humorado quando lhe chegou às mãos a resposta decifrada do avião de reconhecimento: «A flotilha inimiga consta de cinco cruzadores e cinco contratorpedeiros.» A sensação de alívio foi, porém, momentânea. Certamente eram navios de escolta; marinha nenhuma soltaria uma força tão leve naquelas águas.

No entanto, se havia porta-aviões americanos na área, por que não

teriam eles lançado os seus aviões em apoio aos seus camaradas baseados em terra? Com este raciocínio, o pessoal de Nagumo resolveu não alterar sua tática naquele momento. Outra razão: as experiências recentes haviam imbuído os japoneses de um profundo desprezo pela aviação americana, desprezo este que a atual série de ataques incrivelmente descoordenados, quase cada um por si, só fazia aumentar.

Uma nova leva de bombardeiros — 14 B-17 — acabava de surgir. Eles tinham levantado vôo para uma segunda investida contra o Grupo de Transporte japonês, mas, posteriormente, foram desviados para atacarem os porta-aviões. Embora sem serem molestados pelos Zeros, os B-17 só conseguiram colocar algumas bombas perto dos alvos. Como explicou mais tarde um piloto americano: «Acertar em cheio com uma bomba num navio que se desloca rapidamente é o mesmo que tentar acertar uma bolinha de gude num rato assustado.»

Às 08.20 ocorreu o último ataque vindo de Midway, levado a efeito por 12 bombardeiros de mergulho Vindicator, que não conseguiram sequer arranhar a frota de Nagumo. Apenas dois deles sucumbiram ao contra-ataque inimigo; os pilotos japoneses, em ação havia quatro horas, começavam a dar sinais de cansaço.

Os bombardeiros arrastaram-se de volta a Midway, muitos com avarias sérias. A tensão aumentava enquanto os defensores do atol

esperavam que os japoneses tornassem a aparecer. Os possantes aviões pousados nas pistas, lentamente reabastecidos à mão, eram alvos fáceis. Em Midway nada havia que pudesse opor-se a um segundo ataque aéreo ou a um desembarque.

«O INIMIGO vem acompanhado do que parece ser um porta-aviões.» Esta última mensagem do avião de reconhecimento abateu-se sobre os japoneses com um impacto muito maior do que o de qualquer das bombas de que haviam sido alvo até então. A notícia não poderia ter chegado em pior hora, pois os aviões que regressavam do ataque a Midway circulavam agora sobre as suas bases, com os tanques quase vazios, esperando ordem para pousar.

Nagumo estava diante de uma decisão crucial. Deveria ele enviar os bombardeiros que tivesse prontos para atacarem imediatamente o porta-aviões americano? O problema era que: 1) A arma mais eficiente contra navios era, sem dúvida alguma, o torpedo. 2) Não dispunha de caças preparados para acompanharem os bombardeiros (naquele instante estavam todos no ar e quase sem gasolina), e ele acabara de testemunhar como os aviões inimigos, sem a proteção de caças, tinham sido quase aniquilados. 3) Um ataque imediato significaria a perda de cerca de 100 excelentes aviões, que haviam sido parte da primeira leva de ataque a Midway, permi-

tindo que eles afundassem no mar.

Sua alternativa seria retirar todos os aviões do convés (o que lhe daria também a oportunidade de tornar a armá-los com torpedos), trazer de volta os aviões da primeira leva, reabastecê-los e rearmá-los, e então lançar um ataque em massa, totalmente equipado para esmagar esta nova ameaça.

Nagumo não se permitiu dúvidas hamletianas. Os conveses foram esvaziados numa pressa febril, e às 08.37 o sinal de «Aterrissar» apareceu na ponta da verga do *Akagi*. Os porta-aviões fervilhavam de atividade. Nos hangares, homens molhados de suor descarregavam bombas de 800 quilos e empilhavam-nas de qualquer jeito, em vez de repos-las nos magazines. O *Akagi* e o *Kaga* deveriam estar prontos para largar os seus aviões às 10.30; o *Hiryu* e o *Soryu* às 11.00, o mais tardar. Nagumo sinalizou para todos os navios: «Terminados os preparativos, planejamos contatar e destruir a força tarefa inimiga.»

Às 09.01, então, recebeu nova mensagem do avião de reconhecimento: «Aviões-torpedeiros inimigos encaminham-se na sua direção.»

A decisão de Nagumo era, teoricamente, impecável. Aconteceu, porém, ser a decisão errada.

Homens Valorosos

Quando a luz suave da aurora iluminou o céu do Pacífico no belo amanhecer de 4 de junho, os Almirantes Spruance e Fletcher aguarda-

vam com ansiedade que uma luz igual se fizesse na sua situação estratégica. Suas forças tarefas cruzavam separadas umas 10 milhas. Entre 05.30 e 06.00, seus radioperadores haviam captado as mensagens dos aviões de reconhecimento de Midway informando a localização de porta-aviões japoneses, e Spruance imediatamente se lançou no rumo oés-sudoeste, ao seu encontro.

Calculando o desenrolar do ataque a Midway através de informações recebidas pelo rádio, às 07.00 os aviadores navais americanos estimavam que os aviões japoneses regressariam aos seus porta-aviões mais ou menos às 09.00. A fim de pegar o inimigo com todos os aviões no chão, «para evitar novos danos a Midway e garantir a nossa própria segurança», Spruance tinha de começar a lançar os seus aviões naquele instante.

Deu a ordem: «Lancem tudo o que tivermos, imediatamente.» Era uma decisão cruelmente difícil de tomar, porque a distância a que se encontrava o inimigo — 155 milhas — praticamente garantia que os *Devastators*, bombardeiros-torpedeiros lentos e de voo baixo, não conseguiriam regressar. Não obstante, o *Hornet* e o *Enterprise* colocaram-se a favor do vento, e, entre os dois, mandaram para o ar 117 aviões: 68 bombardeiros de mergulho, 29 aviões torpedeiros e 20 caças. Essa força poderosa dirigiu-se para os porta-aviões japoneses.

Mas a sorte ainda não abandonara Nagumo. Ao completar a recuperação dos seus aviões, a frota japonesa mudou de rumo para nordeste. (Incrível como pareça, Spruance não soube disso.) O resultado foi que os 35 bombardeiros de mergulho e os 10 caças do *Hornet* não encontraram Nagumo onde ele deveria estar. Durante algum tempo bateram a área, mas acabaram desistindo.

Um esquadrão de torpedeiros do *Hornet*, liderado por um piloto com espantosa compreensão intuitiva do inimigo, tomou um rumo que os levou em linha reta até ao alvo. Mas para nada. Um enxame de Zeros lançou-se sobre eles e abateu os 15 aviões — quatro deles antes que tivessem podido aproximar-se o suficiente para largar os torpedos. Só um piloto sobreviveu e foi recolhido do mar no dia seguinte.

Os 14 bombardeiros-torpedeiros do *Enterprise* atingiram o objetivo às 09.58, mas erraram todos os tiros, com os porta-aviões esquivando-se habilmente ao ataque. No convés de decolagem do *Akagi*, Fuchida e os seus pilotos assobiavam e aplaudiam à medida que os Zeros iam derrubando os Devastators, um por um. Da ponte de comando, Genda observava as balas traçadoras alaranjadas voando em todas as direções, as baterias antiaéreas vomitando fogo e as negras espirais de fumo dos aviões inimigos incendiados descrevendo sinistros desenhos no céu. «Não temos que temer os aviões do inimigo, não

importa quantos sejam!» pensou ele, exultante.

O ATAQUE final com torpedos coube a um esquadrão de bombardeiros-torpedeiros do *Yorktown*. Enquanto os caças americanos de escolta se engajavam em combates ferozes, outros 18 Zeros caíam sobre os bombardeiros. Os velhos e lentos aviões não tiveram melhor sorte que os seus predecessores. Já então haviam dado todas as provas de que não serviam para a guerra moderna.

Dos 41 Devastators que levantaram vôo naquele dia, apenas quatro sobreviventes, aos pedaços, regressaram aos seus porta-aviões — um deles tão avariado que tiveram de jogá-lo ao mar. Ninguém derramou lágrimas pelas aeronaves — somente pelos valorosos homens perdidos.

Mas esses homens não haviam morrido em vão. Pois, mesmo na morte, esse último esquadrão torpedeiro contribuiu para uma das mais impressionantes reviravoltas nos anais da guerra.

Terror e Lágrimas

O CAPITÃO-DE-CORVETA Clarence W. McClusky Jr. atingiu o local previsto de intercepção às 09.20, liderando 33 bombardeiros de mergulho do *Enterprise*. Alguns dos pilotos à extrema esquerda da sua formação conseguiram avistar a fumaça que subia da base atingida em Midway. Mas, abaixo deles e de

horizonte a horizonte, só se via o mar muito azul e luminoso. Onde estavam os japoneses?

Pequeno e atarracado como o seu bombardeiro de mergulho *Dauntless*, McClusky era um herói da campanha das Ilhas Marshall, e comandava agora o pessoal de vôo do *Enterprise*.

Com o marcador da gasolina perigosamente perto do limite depois do qual já não conseguiria retornar, ele só dispunha de 15 minutos antes de ter de regressar. Deveria manter-se em círculos, à espera dos japoneses, ou fazer os seus aviões abrirem num quadrado cada vez maior, no procedimento convencional de busca? McClusky rapidamente decidiu voar mais 35 milhas para oeste e daí voltar para noroeste. Mais tarde, Nimitz diria que essa fora «a mais importante decisão da batalha».

Cerca de sete minutos após ter feito a volta para noroeste, McClusky avistou o rastro de um contratorpedeiro que se deslocava às pressas para norte. Concluindo que tinha de ser um retardatário tentando juntar-se ao resto da força japonesa, ele seguiu o naviozinho. Dez minutos depois, a frota de Nagumo surgiu aos seus olhos.

Neste momento, os próprios erros americanos começaram a trabalhar a seu favor. Naquele preciso instante, 17 bombardeiros de mergulho do *Yorktown* chegaram ao local. Tinham levantado vôo uma hora depois de McClusky, mas o atraso deste no encontro do inimigo fez

que os dois grupos chegassem sobre os porta-aviões de Nagumo com uma diferença de segundos. Tivessem passado semanas treinando, não teriam conseguido uma coordenação de ataque tão perfeita.

Os porta-aviões navegavam alinhados num triângulo alongado. O *Akagi*, o *Kaga* e o *Soryu* formavam um V no sentido sul, com o *Hiryu* bem mais ao norte. Os Zeros estavam ocupados, voando baixo em torno do *Hiryu*, derrubando os bombardeiros-torpedeiros, quando os bombardeiros de picada surgiram a 6.000 metros de altitude. Aproveitando-se de uma cobertura intermitente de nuvens, a esquadrilha do *Yorktown* colocou-se em posição perfeita sobre o *Soryu* e picou para o ataque, com o seu líder mirando no imenso Sol Nascente vermelho no convés de decolagem. Enquanto isso, McClusky lançava-se como um raio sobre o *Kaga*.

As bombas ainda caíam quando o oficial de controle de incêndios apareceu correndo na ponte de comando para informar que embaixo todos os corredores estavam em chamas e que a maior parte da tripulação estava presa. Mas o Comandante Jisaku Okada permanecia imóvel, com o olhar fixo no espaço. Nervoso, o oficial-bombeiro insistia para que ele se salvasse passando para a proa, pois o porta-aviões começava a adernar. Okada balançou a cabeça. «Eu fico com o meu navio», disse com ar distante.

Mitoya saiu para ver se ainda

conseguia fazer contato com os homens presos na praça das máquinas. Quando voltou, já não havia mais ponte de comando, oficial-bombeiro, nem Comandante Okada. Uma bomba americana atingira um pequeno depósito de gasolina ali perto, e os seus destroços em chamas mataram todos na ponte de comando. Outra bomba atingiu em cheio o elevador da proa e foi explodir no hangar, entre os aviões que estavam com os tanques reabastecidos, rearmados e prontos para serem levados novamente ao convés a fim de decolarem para o segundo ataque. O quarto e último impacto foi quase desnecessário, pois já tinha sido cortada a energia elétrica e estavam condenados todos os esforços para controlar os incêndios no *Kaga*.

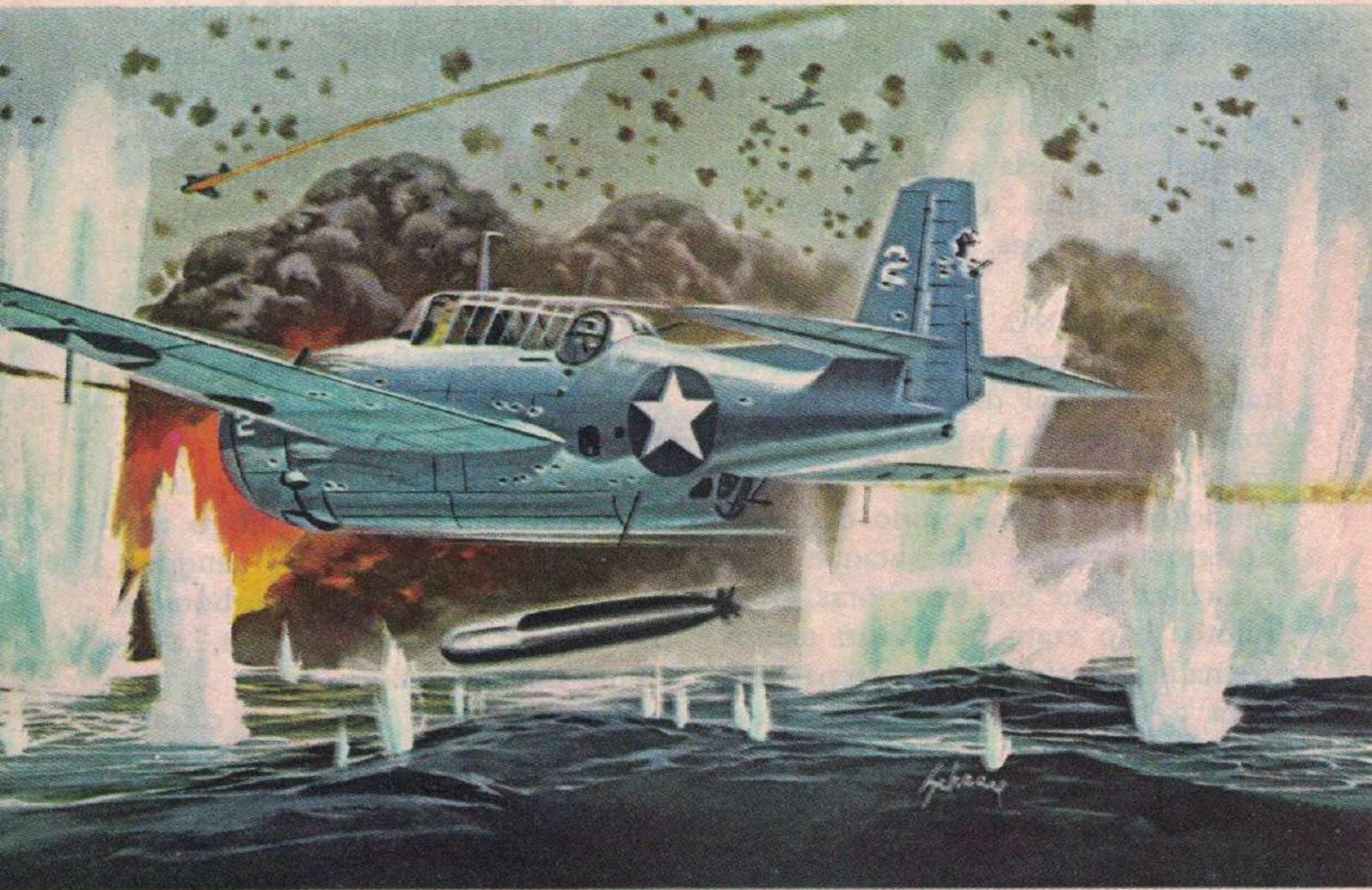
Às 10.22, o comando do *Akagi* deu ordem aos caças de levantarem vôo, e o primeiro Zero disparou pelo convés de decolagem. Um vigia de repente gritou: «Bombardeiros!» Fuchida mal conseguira avistar as silhuetas gorduchas de três bombardeiros de mergulho Dauntless, quando três pontos negros caíram dos aviões e pareciam flutuar, sem pressa, caindo em sua direção.

Apenas três aviões da esquadrilha de McClusky atingiram o *Akagi*, mas foi mais que suficiente. A primeira bomba, que errou por pouco, mandou um jorro de água sobre a ponte de comando. A segunda acertou no elevador de meia-nau e foi cair no hangar embaixo. (Os



projéteis haviam sido preparados de modo a assegurar uma penetração de 1,20 m no convés de decolagem.) Quando a terceira caiu, Fuchida atirou-se ao chão e protegeu a cabeça com os braços. O estrondo deste último impacto foi menor do que o primeiro, mas no relato de danos sofridos pelo *Akagi* foi anotado: «Tiro fatal. Várias brechas abertas.» Cerca de 200 homens foram jogados ao mar.

Seguiu-se um momento de profundo silêncio. Normalmente, as duas explosões não teriam sido fatais. Mas os porta-aviões foram apanhados com os seus conveses



repletos de aviões abarrotados de munição, com os tanques cheios de gasolina, e o mesmo acontecia nos hangares embaixo. Além disso, não houvera tempo de repor as grandes bombas nos seus magazines. Explosões induzidas dessas pilhas mortais, somadas à reação em cadeia dos aviões incendiados, em pouco tempo transformaram o *Akagi* e o *Kaga* no que um oficial chamou de «um caos infernal».

Enquanto isso, o *Soryu*, recebendo três bombas em três minutos, era de todos o mais danificado. Ao vê-lo também lançando para o alto uma nuvem de fumaça branca,

Genda percebeu toda a extensão da perda japonesa. Não sendo de chorar no ombro de ninguém, olhou para Fuchida e comentou lacônico: «*Shinata.*» (Estamos liquidados.)

Pelas 10.40, a roda do leme do *Akagi* não funcionava mais, suas máquinas tinham parado e tudo o mais escapava ao controle rapidamente. O Chefe do Estado-Maior de Nagumo insistiu com o almirante para que ele se retirasse, continuando a luta de outro navio. A princípio, Nagumo recusou, mas acabou cedendo à razão. Já era quase tarde demais. Labaredas e nuvens de fumaça bloqueavam as

escadas da ponte, e o pessoal teve de descer por um cabo que já começava a arder. Amontoaram-se num barco salva-vidas que saiu cambaleando pela água. Vários dos seus remadores não conseguiram conter as lágrimas.

UM EXULTANTE McClusky aterisou no *Enterprise*, com gasolina no tanque que mal dava para tirar as manchas de uma gravata. Em três minutos, os bombardeiros de mergulho haviam conseguido o que as anteriores vagas de ataque não puderam fazer em três horas. Seus pilotos não eram mais nem menos treinados, decididos ou preparados para a luta que os bombardeiros-torpedeiros que não tinham nem feito mossa no inimigo. Os americanos deviam o extraordinário sucesso a três fatores: a decisão de McClusky de prosseguir na busca, saindo dos padrões convencionais; a «coordenação não coordenada» que reunira os aviões do *Yorktown* e do *Enterprise* sobre o alvo; o sacrifício dos bombardeiros-torpedeiros que mantiveram os Zeros ocupados, deixando campo livre para os bombardeiros de mergulho.

Duelo de Morte

A BORDO do *Hiryu*, o Contra-Almirante Tamon Yamaguchi ficara com o único porta-aviões ainda em condições de luta. «Bem», disse o agressivo e fanfarrão almirante aos seus oficiais, «só com o *Hiryu*, nós vamos liquidar essa maldita força inimiga.»

Às 10.58 ele lançara 18 bombardeiros de mergulho e seis Zeros. Passados 40 minutos, os aviões avistaram a Força Tarefa 17.

Pegando os aviões inimigos no radar, o *Yorktown* ordenou imediatamente aos navios de apoio que entrassem na formação em V contra ataques aéreos. A tripulação esvaziou toda a gasolina de alta octanagem dos canos, substituindo-a por gás carbônico. Muito antes de o inimigo aparecer, as tubulações já não ofereciam o menor perigo e o combustível, repostado nos tanques, foi coberto com gás carbônico, para isolar os seus vapores, altamente inflamáveis.

Vinte e oito Wildcats caíram sobre os japoneses a cerca de 15 milhas fora, e o duelo que seguiu foi-se arrastando em direção ao *Yorktown*. Quando a bola de fumo, faíscas, asas e estrondos chegou ao porta-aviões, três caças japoneses e mais 10 bombardeiros tinham sido abatidos. Restavam ainda oito bombardeiros!

A artilharia do *Yorktown* abriu fogo. Tiros certos cortaram o primeiro bombardeiro em três grandes pedaços, que foram cair perto do porta-aviões. Mas a bomba que ele levava caiu também no convés de decolagem, onde abriu um buraco de três metros quadrados, indo parar nos hangares, onde provocou princípios de incêndio, rapidamente dominados pelo sistema extintor do porta-aviões.

Outra bomba acertou no alvo e, com a sua espoleta de ação

retardada, acabou explodindo na chaminé, o grande coração ardente do porta-aviões. A explosão ateou fogo nas caldeiras do *Yorktown* e rompeu os condutos de fumaça das caldeiras números 1, 2 e 3. Ao fim de 20 minutos, o navio estava totalmente paralisado. Uma terceira bomba ateou fogo numa área ao lado do depósito de gasolina da proa.

Providências imediatas garantiram o controle das avarias, e 70 minutos depois do ataque partiam vivas de todos os navios da Força Tarefa, quando viram o *Yorktown*, com potência auxiliar, transmitir: «Minha velocidade é de cinco nós.» À medida que a pressão do vapor subia, ele ia aumentando gradativamente a marcha, e logo navegava ruidosamente a 19 nós.

No *Enterprise*, pediam a Spruance uma reação imediata. Mas ele insistiu em aguardar uma mensagem dos aviões de reconhecimento que se aproximavam do local onde deveria estar o porta-aviões inimigo informando a sua posição exata. Spruance estava certo. Yamaguchi voltara para norte, lançara uma segunda vaga de ataque às 13.20, e em seguida dirigira-se para nordeste. Um ataque americano naquele momento provavelmente não o teria encontrado.

A segunda vaga de Yamaguchi era composta de 10 bombardeiros-torpedeiros e seis caças. Com três alvos para escolher, essa formação também se concentrou, por acaso, no *Yorktown*. Os Wildcats inter-

ceptaram-nos e virtualmente repetiu-se o duelo do meio-dia. Apesar da sua velocidade reduzida, o *Yorktown* conseguiu escapar a dois torpedos; mas outros dois o acertaram a estibordo, a meia-nau. As explosões romperam tanques de gasolina, inundaram praças de caldeiras e a praça de geradores na proa e cortaram a energia elétrica. Com o leme avariado, o *Yorktown* tornou a parar, adernando para bombordo.

Dez minutos depois, a sua inclinação já era de 26 graus. Não havia quase meios de comunicação a bordo. À sua volta espalhou-se uma mortífera película de óleo, que a menor faísca transformaria num lençol de chamas. Às 14.55, o seu comandante, com grande relutância, deu ordem de abandonar o navio.

A 100 milhas de distância, Yamaguchi, convencido de que seus homens haviam, a essa altura, afundado ou seriamente avariado dois porta-aviões inimigos, planejava apressadamente a morte e a destruição dos restantes americanos. Com os aviões a postos para o terceiro ataque, o *Hiryu* passou pelo novo capitânia de Nagumo, o cruzador *Nagara*, enquanto a tripulação e os naufragos neste refugiados gritavam: «*Hiryu*, vingue-nos, pague-lhes na mesma moeda!»

A alegria de Yamaguchi duraria pouco. Às 17.01, os 24 bombardeiros em condições que restavam a Spruance surgiram no céu. Os Zeros partiram rápidos em defesa.

Mas, em poucos minutos, os bombardeiros de mergulho americanos estavam caindo diretos sobre o círculo escarlata no convés amarelo-claro do porta-aviões. Quatro bombas acertaram no alvo em rápida sucessão. Incêndios espalharam-se pelo navio, bloqueando passagens, o mesmo fazendo os destroços das constantes explosões. Para evitar novos impactos, o comandante do *Hiryu* teve de manobrá-lo na maior velocidade possível — mas o vento com isto provocado só fazia atijar ainda mais as labaredas. Logo o *Hiryu* era uma fogueira da proa à popa, mas continuava — segundo uma testemunha japonesa — «correndo em alta velocidade como um touro enfurecido». Mais alguns minutos, e ele deixara de ser alvo digno de atenção.

Descendo ao Abismo

PELO FIM da tarde, o sol do Pacífico brilhava sobre um quadro de morte e destruição. Dos porta-aviões japoneses atingidos, o *Soryu* foi o primeiro a afundar. Trinta breves minutos para o transformarem de um elegante e orgulhoso porta-aviões num crematório incinerado, e o Comandante Ryusaku Yanagimoto deu a ordem de «Abandonar o navio». Enquanto a sua escolta rondava nas proximidades recolhendo os sobreviventes, alguém reparou que Yanagimoto permanecia na torre de sinalização. Ele era um dos mais queridos e respeitados comandantes da Marinha japonesa,

e os seus comandados encarregaram o Primeiro-Sargento Abe, campeão de luta livre da Marinha, de ir tirá-lo de lá, à força se necessário.

Abe fez o possível. Voltou a bordo, fez continência e disse: «Comandante, vim para acompanhá-lo a um local seguro.» Yanagimoto permaneceu imóvel, o olhar perdido no espaço. Abe deu um passo em frente para recolhê-lo nos seus braços possantes, quando Yanagimoto se voltou lentamente e o deteve com os olhos. O marinheiro bateu continência e retirou-se. Ao afastar-se, com lágrimas nos olhos, ainda ouviu Yanagimoto cantando baixinho «Kimigayo», o hino nacional japonês.

Quando os primeiros tons rosa do crepúsculo atingiram o Pacífico, uma terrível explosão sacudiu o *Soryu* e uma lança rubra de fogo subiu ao céu. De um contratorpedeiro alguém gritou: «*Soryu*, banzai!» — um grito ecoado por todos a bordo. O porta-aviões deslizou suavemente entre as ondas. Dez minutos depois, os sobreviventes sentiram o tremor de uma violenta explosão submarina.

O *Kaga* afundou às 19.25, envolto numa mortalha imensa de fumaça negra. Levava consigo 800 tripulantes mortos ou encurralados nos conveses inferiores.

A ordem final para abandonar o *Hiryu* só foi dada na manhã seguinte. O Almirante Yamaguchi decidiu permanecer no navio, mas ordenou que toda a tripulação o abandonasse. Seguiu-se uma cerimô-

nia de adeus eterno, que foi brindado com água pelo almirante e seus oficiais. Às 03.15, os oficiais começaram a retirar-se. Já era tempo, pois o porta-aviões condenado era praticamente uma fogueira só. Pouco depois de completada a evacuação, um contratorpedeiro disparou-lhe um torpedo de misericórdia.

Nenhum dos porta-aviões japoneses foi alvo de maiores e mais zelosas tentativas de salvamento que o *Akagi* — o capitânia, o rei dos porta-aviões, símbolo do poderio aeronaval japonês. Mas foram em vão todos os esforços para dominar com equipamento manual a fúria das chamas. Às 13.38 de 4 de junho foi retirado o retrato do Imperador, e à noite a tripulação começou a abandonar o navio.

Embora certos de que, se o abandonassem, «ele acabaria como peça de museu no Rio Potomac, em Washington», os japoneses hesitavam, com pena de metê-lo a pique. Afinal, às 05.00 de 5 de junho, cumprindo ordens do próprio Yamamoto, o que sobrava do capitânia incendiado foi torpedeado. Aos gritos de «*Akagi*, banzai!» ele foi ao fundo, deixando atrás de si apenas enormes bolhas.

A BORDO do couraçado *Yamato*, Q. G. da Frota Combinada, as primeiras notícias dos incêndios que lavravam nos porta-aviões *Kaga*, *Soryu* e *Akagi* provocaram um choque quase traumático. A batalha progredindo, Yamamoto permanecia sentado, duro e impassível como

um juiz, enquanto os seus oficiais, agitados, ofereciam sugestão após sugestão, visando a salvar a situação. Os vasos de guerra na área das Aleútas foram convocados para a batalha, assim como os submarinos que vigiavam a saída de Pearl Harbor; a força de ocupação foi mandada afastar-se temporariamente para noroeste. (Os japoneses ficaram sem saber a que ponto Midway estava vulnerável.) Eles projetavam agora destruir os navios americanos num ataque noturno. Com o corpo principal da esquadra disparando em direção ao cenário da luta a toda a força das suas caldeiras, Yamamoto tencionava pegar-se num corpo-a-corpo com o inimigo.

Nagumo também ansiava por um combate noturno. Mas, durante as horas do duelo entre o *Hiryu* e o *Yorktown*, e depois, no contra-ataque devastador de Spruance, o tempo e os acontecimentos foram implacáveis com a sua frota.

Spruance não tinha a menor intenção de engajar-se numa batalha noturna com navios de superfície. O poder de fogo dos japoneses era ainda muito superior, e, no escuro, os aviões que lhe restavam estariam na pior situação. Por tudo isto, Spruance apontou direto para leste. Nagumo ficou na maior frustração ao receber, às 17.15, a mensagem de um avião de reconhecimento: «O inimigo iniciou a retirada.»

O Q. G. da Frota Combinada já começara a desfazer-se com a notícia da derrota do *Hiryu*, e a retirada de Spruance completou a sua des-

moralização. Durante algumas horas, os japoneses ficaram correndo para leste, mas a esperança de um combate noturno era cada vez menor. Até que Yamamoto disse a um ajudante: «É tarde demais. A batalha chegou ao fim.» Às 02.55 de 5 de junho, triste e cheio de pesar, deu ordens para a retirada da Armada japonesa.

Ao meio-dia, o corpo principal da esquadra encontrava-se com a força arrasada de Nagumo. Que diferença do festivo e alegre encontro que as duas frotas haviam antecipado! Quatro dos melhores porta-aviões japoneses tinham desaparecido para sempre, arrastando consigo 332 aviões e, pior que tudo, 2.155 homens veteranos e experientes.

Uma Importante Vitória

Os JAPONESES retiraram-se rumo oeste, sob pesadas nuvens cor de chumbo pairando no céu e um nevoeiro fantasmagórico rodopiando sobre as águas. No *Yamato*, o Almirante Yamamoto deu instruções aos seus oficiais para que não culpassem ninguém da Primeira Frota Aérea ou da Força de Submarinos pelo desastre. «O fracasso de Midway», acrescentou ele com firmeza, «foi meu.» E cumpriu a palavra. Manteve Nagumo no comando da Primeira Frota Aérea e deu-lhe oportunidade de se reabilitar.

O moral dos tripulantes do *Nagara* subiu quando o cruzador recebeu ordens de seguir avante, levando

de volta ao Japão o Estado-Maior da Primeira Frota Aérea, para que se pusesse imediatamente a trabalhar num plano de reorganização. Mas, quando chegaram a Kure, nenhum tripulante, nem mesmo o comandante, teve licença para desembarcar, e foram proibidos quaisquer contatos com pessoas estranhas ao navio. Cerca de 500 feridos, inclusive Fuchida, foram levados praticamente às escondidas para um hospital em terra, onde ficaram incomunicáveis. O Governo estava decidido a esconder da nação a verdade da esmagadora derrota sofrida pelo Japão.

Para o Japão, Midway foi o fim de várias lendas. A Primeira Frota Aérea — a espada de Yamamoto e o orgulho de uma nação — fora destroçada. E a Marinha japonesa sabia agora que os americanos eram capazes de levar ao combate oficiais e soldados tão corajosos e dedicados como os seus e almirantes igualmente agressivos e determinados.

Quanto aos americanos, não alimentavam ilusões de que Midway lhes tivesse aberto o caminho para uma vitória fácil. «Pearl Harbor foi parcialmente vingada», disse Nimitz no seu primeiro comunicado sobre a batalha. «Mas a vingança só será completa quando o poderio naval japonês for reduzido à impotência. Demos um grande passo nessa direção.»

Tanto ele como Spruance analisavam a situação com realismo. Nem naquele momento nem mais

tarde eles se deixaram enredar no excesso de confiança que fora a ruína dos japoneses. «Para nós, àquela altura», disse Spruance, «Midway significava o ponto de partida, o lugar onde realmente começávamos uma guerra dura e encarniçada contra os japoneses.»

«Após Midway, não ficamos com a impressão de que tínhamos ganho a guerra», frisou Nimitz. «Não havia dúvida de que se tratava de uma reviravolta, mas ainda tínhamos um inimigo tenaz pela frente e uma difícil tarefa a realizar.»

Não obstante, o aspecto da guerra alterara-se de repente. «Essa batalha deu origem à mais extraordinariamente rápida mudança de sorte de que se tem conhecimento na história naval», escreveu o famoso historiador Sir Basil Liddell-Hart. O Japão não estava mais na ofensiva; sua Marinha já não dominava o Pacífico Central; seu sonho de um grande império fora esmagado. Em Midway, os Estados Unidos tomaram a iniciativa, e, durante os três anos de guerra que se sucederiam, jamais a deixariam escapar.

(Tradução de Lavínia Machado)



EMBORA moremos no Canadá há 40 anos, minha mãe nunca perdeu a consciência da nossa origem grega.

Cada vez que chegava ao seu conhecimento que atracara um navio no porto trazendo imigrantes gregos, ela lançava uma campanha para angariar roupas. Os armários eram vasculhados. Não ficava nada. Até o meu velho casaco de fazenda verde com botões de couro desbotado e o cinto pela metade não escapou à generosidade de mamãe.

No nosso negócio ela também exercia a sua influência. Quando chegamos aqui, papai abriu um pequeno restaurante e pôs a família para trabalhar nele. Minha mãe cozinhava. Com o correr dos anos, os negócios prosperaram, meus pais foram envelhecendo demais para trabalhar e eu assumi a direção do restaurante, tendo empregados contratados ao meu serviço. Um dos meus encargos mais difíceis era entrevistar candidatos a garçons. Mamãe queria que fossem todos gregos.

Certo dia, depois de várias tentativas infrutíferas, eu estava quase desistindo, quando um rapaz sorridente se aproximou da minha secretária. Ao vê-lo, quase saltei da cadeira. Não é meu costume contratar um empregado sem indagar primeiro as suas referências, mas aceitei esse rapaz logo à primeira vista. Era como se eu já o conhecesse — ali, de pé, com o meu velho casaco de fazenda verde com botões de couro desbotado e o cinto pela metade.